



Interface - Comunicação, Saúde, Educação

ISSN: 1414-3283

intface@fmb.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho
Brasil

Njaine, Kathie

Sentidos da violência ou a violência sem sentido: o olhar dos adolescentes sobre a mídia
Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 10, núm. 20, julio-diciembre, 2006, pp. 381-392
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180114101008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sentidos da violência ou a violência sem sentido: o olhar dos adolescentes sobre a mídia



Kathie Njaine¹

NJAINE, K. The significance of violence or senseless violence - the adolescents' perspective vis-à-vis the media. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.10, n.20, p.381-92, jul/dez 2006.

This is a qualitative study that seeks to identify the significance attributed by adolescents to violence disseminated by the media, especially on television, and how this group interacts with this media. The study hopes to increase understanding on how the phenomenon of violence divulged by television is interpreted, incorporated, or not by adolescents in their day to day. Focus groups with seventh and eighth-grade students from the city of São Gonçalo, state of Rio de Janeiro, were interviewed in two public schools and two private schools. The study concludes that one of the public health challenges is to expand its activities in preventing violence given the important role media has in regard to how violence is perceived. The study identified, as a positive aspect of the media, its assistance in education and promoting child and adolescent health.

KEY WORDS: violence. mass media. adolescent. health promotion. perception.

Trata-se de estudo qualitativo que investiga os sentidos atribuídos pelos adolescentes à violência na mídia, especialmente na televisão, e as formas como esse grupo interage com o meio. Busca-se aprofundar a compreensão sobre como o fenômeno de violência, mediado pela televisão, é interpretado e incorporado ou não pelos adolescentes em seu cotidiano. Foi utilizada a técnica de grupos focais com alunos das sétimas e oitavas séries do ensino fundamental do município de São Gonçalo/RJ, em duas escolas públicas e duas escolas privadas. Conclui-se que um dos desafios para a área de saúde pública está na ampliação da sua atuação na prevenção da violência, tendo em conta a importância da mídia no discurso da violência. Aponta-se, como aspecto positivo da mídia, a parceria na educação e promoção da saúde de crianças e adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: violência. meios de comunicação de massa. adolescente. promoção da saúde. percepção.

¹ Pesquisadora, Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz (CLAVES/ENSP/FIOCRUZ); Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC. <kathie@claves.fiocruz.br>

Introdução

Este artigo analisa os sentidos atribuídos pelos adolescentes à violência na mídia, especialmente na televisão, investigando a forma como esse grupo etário interage com o meio e como se apropria de suas mensagens. Busca-se, fundamentalmente, investigar o modo como o fenômeno de violência, mediado pela televisão, interpela esse grupo etário, e de que maneira essa mediação reconstrói novos sentidos no cotidiano dos adolescentes. Considera-se, para fins deste estudo, a percepção dos adolescentes sobre as faces da violência simbólica exercida pela televisão, no sentido de Bourdieu (1997).

Para esse autor,

...a violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. (Bourdieu, 1997, p.141)

Uma face dessa ação simbólica da televisão, de acordo com Bourdieu (1997), está no fato de esse meio especificamente ter uma espécie de monopólio das informações, criar uma determinada importância para algumas informações em detrimento de outras, e dramatizar alguns acontecimentos, banalizando-os e espetacularizando-os.

São consideradas, também, as percepções dos adolescentes sobre as formas de representação da violência auto-infligida, interpessoal e coletiva, tipologia utilizada no Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (Krug et al., 2002). A violência auto-infligida refere-se ao comportamento suicida e aos atos de automutilação. A violência interpessoal refere-se à violência familiar (abusos contra a criança, idoso e conjugal) e à violência comunitária (violência juvenil, violência institucional e atos de violência como o estupro). A violência coletiva é a violência exercida por pessoas que se identificam como membros de um grupo contra outro grupo ou conjunto de indivíduos, para alcançar objetivos políticos, econômicos ou sociais. Esta violência expressa-se sob diversas formas: conflitos armados, genocídio, repressão e outras violações dos direitos humanos, terrorismo e crime violento organizado.

O conhecimento sobre como o discurso sobre a violência, produzido pela televisão, é compreendido pelos adolescentes pode indicar alguns elementos para a elaboração de medidas de prevenção da violência pelas áreas da saúde pública, educação, comunicação e outras áreas que lidam com a adolescência.

Estudos realizados em países da América do Norte, Europa e Ásia, desde a década de 1960, procuram demonstrar os efeitos adversos (direitos e indiretos) da violência na televisão, sobretudo relacionada ao público infantil (Von Felitzen, 1999; Wartella et al., 1999). Os principais efeitos adversos relatados, em uma revisão da literatura de mais de mil estudos, apontam que a exposição de crianças e adolescentes à violência na mídia pode: (a) suscitar atitudes anti-sociais e agressivas; (b) tornar o espectador insensível à violência na vida real; (c) aumentar a sensação de medo (Strasburger, 1999). De modo diferente deste enfoque mais funcionalista,

foram surgindo outras pesquisas que privilegiavam o contexto cultural e os processos de recepção das mensagens, influenciadas, sobretudo, pelas correntes do interacionismo simbólico, dos estudos culturais ingleses e latino-americanos. Essas correntes teóricas contemplam o receptor como sujeito ativo no processo comunicacional (Mattelart & Mattelart, 2000).

Refletindo sobre a problemática da violência na mídia e a atuação da saúde pública no país, Njaine & Minayo (2004) reconhecem que a presença cada vez maior da mídia eletrônica na vida de crianças e adolescentes necessita ser mais investigada, tanto do ponto de vista da inter-relação estabelecida entre este grupo com esses meios, como também o potencial proativo da mídia na prevenção da violência e promoção da saúde do mesmo.

O teórico da comunicação Vicente Romano García aponta alguns aspectos da interação com a mídia:

O entretenimento dos meios pode servir tanto para a evasão da realidade, da obrigação e da responsabilidade, como para o encontro social (“parassocial”), a descarga temporal das tendências associadas, pode servir de tema de conversa, pode relaxar, aliviar, ativar emoções, estimular ilusões, oferecer orientação, confirmar o saber cotidiano e muitas coisas mais. Todos esses são processos normais, às vezes terapêuticos. Com duas limitações: 1) que as mensagens midiáticas só desempenham essa função, temporalmente, de maneira transitória; e 2) que todo consumo midiático excessivo é perigoso e é provável que apresente efeitos nocivos. Ou seja, que o uso dos meios pode ser também ‘disfuncional’ para o indivíduo. (García, 2002, p.18)

Muitos desses efeitos interferem no processo de socialização dos indivíduos e ocorrem de forma subliminar (Ferrés, 1998). Esta visão coincide com o investimento em novos estudos sobre os efeitos da mídia, “*latentes, implícitos no modo como determinadas distorções na produção das mensagens se refletem sobre o patrimônio cognitivo dos destinatários*” (Wolf, 2001, p.143). O “massacre” de informações, segundo Levisky (1998), por meio de imagens e sons, por vezes, pode interferir negativamente no aparelho psíquico da criança, deixando-a passiva, dependente, irritada, intolerante e com problemas de linguagem, sobretudo, quando um adulto não está presente. Para o autor, o conteúdo violento na mídia não se apresenta somente no ato físico contra o corpo.

Ela está na excessiva excitação que atinge o sistema psíquico, oriunda do mundo externo ou da vida pulsional, e que vem ameaçando a capacidade psíquica do indivíduo de selecionar, elaborar, discriminar... (Levisky, 1998, p.157)

Essas interferências também afetam as formas de o adolescente vivenciar sua subjetividade e seus processos de identificação, reestruturando seus espaços de interação e produzindo novos sentidos sobre a realidade social (Colonnese, 1998; Spink et al., 2002).

Violência contra a criança e o adolescente no Brasil - breve panorama

Sob a ótica da saúde pública, considerando crianças e adolescentes, a população de zero a 19 anos de idade e as mortes por causas externas como a expressão mais grave da violência social, Souza & Mello Jorge (2004) apresentam um panorama epidemiológico deste fenômeno que acomete esse grupo etário. Segundo as autoras, de cada dez crianças ou adolescentes que morrem nas principais capitais do país, sete chegam a óbito devido a uma causa violenta ou por acidente. No ano de 2000, crianças e jovens do sexo masculinos representaram 84,1% dos óbitos, e as mortes femininas, 15,9%. O perfil dessas vítimas é de pouca escolaridade, viver em periferias das grandes cidades, pertencer à população mais empobrecida, ser negro ou ter ascendência negra. As principais causas de morte foram os acidentes de trânsito e transportes (38,8%) e homicídios (24,6%), o que representou mais da metade da mortalidade geral (63,5%) de crianças e jovens. Na faixa de zero a quatro anos, os acidentes domésticos são os maiores responsáveis pela mortalidade, revelando a face oculta da violência familiar, expressa sob a forma de negligência dos pais ou responsáveis pelos cuidados da criança. Entre cinco e nove anos, os acidentes de trânsito são os maiores responsáveis pelas mortes de crianças. Porém, na adolescência, o lado mais cruel da violência se concretiza nos homicídios. Dentre os principais fatores potencializadores da violência contra crianças e adolescentes, Souza & Mello Jorge (2004) apontam o uso de álcool e outras drogas e o uso de armas de fogo. Essas expressões da violência, na vida real ou ficção, são representadas majoritariamente nos meios de comunicação, de forma descontextualizada de suas causas e de suas consequências.

Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo que tem como base interpretativa o referencial metodológico da hermenêutica em profundidade (Thompson, 1995), enfatizando o processo de compreensão e interpretação das formas simbólicas do fenômeno da violência mediado pela televisão e interpretada pelos adolescentes.

Para a abordagem com os adolescentes, adotou-se a técnica de grupo focal, que procura contemplar as opiniões, os valores e as percepções de um determinado grupo que compartilha características identitárias semelhantes (Krueger, 1994). Busca-se compreender os significados atribuídos pelos adolescentes à violência representada na mídia. Para tal, foi elaborado um roteiro de entrevistas sobre questões gerais relacionadas ao hábito de ver televisão, preferência da programação, opiniões sobre a imagem dos jovens na televisão, relações de consumo, mediações da família; e questões específicas sobre os sentidos atribuídos à violência representada na mídia.

Foram selecionados quatro grupos focais, com alunos das sétimas e oitavas séries do ensino fundamental do município de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro, em: duas escolas públicas (uma estadual, localizada num bairro com ocorrência freqüente de eventos violentos, e outra municipal, situada num bairro tranquilo do município); e duas escolas particulares (uma que atende à

clientela de estrato social médio, e outra de natureza religiosa, que atende à clientela de estrato social mais baixo). O trabalho de campo foi realizado em abril de 2003, abrangendo um total de 33 alunos (17 meninos e 16 meninas) com idade entre 12 e 14 anos (três grupos contaram com quatro meninos e quatro meninas; um grupo com cinco meninos e quatro meninas). Alunos de uma escola pública encontravam-se defasados na relação série/idade, com idades entre 15 e 17 anos. As sessões foram conduzidas por uma pesquisadora e uma assistente e tiveram, em média, uma hora e meia de duração.

Foi realizado um pré-teste com alunos de uma escola particular, com idades entre 12 e 13 anos. A participação dos adolescentes nos grupos focais ocorreu mediante a assinatura de um termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme preconizado na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer nº 08/03.

O processamento dos dados qualitativos foi feito mediante a transcrição das entrevistas, leitura flutuante e categorização dos temas.

Resultados e discussões

Na inter-relação dos adolescentes de São Gonçalo com a televisão, um programa de ficção e um telejornal estão entre os preferidos pelos jovens. A preferência pela novela “Malhação” da Rede Globo, produção dirigida a adolescentes, reafirma os resultados de uma pesquisa com 1.220 jovens do município do Rio de Janeiro (Minayo et al., 1999), demonstrando o efeito catalisador desse entretenimento na vida desses jovens. Sobre a forma como determinados temas relacionados a situações de risco são abordados por esse programa, os alunos de São Gonçalo confirmam a opinião dos jovens da cidade do Rio de Janeiro, que consideram que a novela trata de maneira superficial e banal questões como as drogas e gravidez na adolescência. Outra queixa é que muitas das situações na ficção não correspondem à vida real, uma vez que as experiências com as drogas ou com a gravidez na adolescência são muito mais complicadas e conflituosas. Apesar das críticas a essa novela, os adolescentes dizem gostar do programa porque também é divertido, e muitas das tramas são parecidas com outros aspectos de suas vidas.

Na programação de não-ficção, o Jornal Nacional, também da Rede Globo, foi citado como o mais assistido pelos jovens. Na compreensão dos alunos entrevistados, esse telejornal ajuda os jovens a “*reagir a alguns problemas da vida*” (aluno 7^a/pública), como a violência e o desemprego, e “*é uma forma de nos precavermos das coisas*” (aluna 8^a/pública). O telejornal é visto como uma espécie de sinalizador para a prevenção aos riscos, como o da violência e o das doenças. A veiculação de determinados problemas que constituem risco à vida e à saúde faz parte de uma seleção própria do campo jornalístico, os quais são destacados repetidamente por meio de imagens e notícias. A opinião dos jovens indica como a mídia pode reorganizar o cotidiano e o espaço físico-temporal dos receptores, valendo-se da circulação de determinadas noções, como a de risco. Spink et al. (2002) verificaram o crescimento de uma *linguagem de riscos* na mídia impressa, na década de 1990, sobretudo, nas seções de economia, esportes e segurança pública. A noção de *risco* também é empregada diretamente para fazer menção a situações de perigo à vida e à saúde das pessoas. Com frequência, essa noção é utilizada na perspectiva da

responsabilização e culpabilização do indivíduo por sua saúde e segurança. Este modo de apropriação da noção de *risco* aparece nas falas dos entrevistados e indica uma forma de apreensão do sentido da violência, mediado pela televisão e descontextualizado do campo da saúde pública. Essa noção de risco está relacionada à responsabilidade do indivíduo em relação ao seu sentimento de medo e insegurança, não indicando em que medida os riscos podem ser prevenidos do ponto de vista das instituições sociais e das políticas públicas.

Em relação à forma como a televisão interpela a vida cotidiana dos adolescentes, dois aspectos relevantes podem ser compreendidos com base na fala dos alunos de São Gonçalo. Primeiramente, há uma percepção dos adolescentes de que a mídia constrói imagens distorcidas da adolescência, representadas, na programação ficcional, por meio da supremacia de meninos e meninas brancas e com estilos de vida muito aquém das condições de vida da maioria da população jovem brasileira. No plano simbólico, essa forma de exclusão é quase invisível, não fosse o fato de afetar indiretamente e negativamente o processo de construção da identidade social de crianças e adolescentes. Em relação ao jornalismo eletrônico, os adolescentes (em particular, sobretudo, os das camadas sociais menos favorecidas) observam que sua imagem representada na televisão aparece muitas vezes associada a atos de delinquência. Em síntese, os adolescentes de São Gonçalo percebem que a televisão, ao representar a violência envolvendo os jovens, opera uma distinção radical entre os estratos mais altos da população e os populares, tanto nos eventos dos quais são vítimas quanto nos que são produtores. Os alunos ilustram essa percepção com o caso real de uma jovem de classe alta de São Paulo, acusada de matar brutalmente seus pais. Esse caso foi tratado pela mídia, em geral, como um ato cometido por uma pessoa *doente psicologicamente*. A despeito das teorias que atribuem determinados crimes hediondos a patologias graves, para os adolescentes de São Gonçalo, se o crime fosse cometido por um jovem pobre, o fato, na mídia, seria reduzido à sua condição de pobreza. Essa face de discriminação, de certa maneira naturalizada em alguns programas de entretenimento e no jornalismo, é assim percebida pelos jovens:

... o jovem que faz a coisa certa e que passa na televisão, não é um jovem que a gente vê no dia-a-dia. Às vezes, o garoto tem o cabelo pintado, é uma pessoa legal, e a televisão não passa. O jovem que passa na televisão é um rapaz branco, de camisinha pólo, olhos azuis....

...às vezes, tem um grupo se divertindo, não está fazendo nada de errado, aí a polícia diz ‘olha, é um viciado’. Aí [a televisão] bota que é bandido”. (alunos da 7ª série/escola pública)

Uma outra forma de interpelação da mídia, constatada no relato dos adolescentes, se dá no comportamento social, em particular, no estímulo ao consumo em geral, na moda e no estilo de ser. Canclini (1999), investigando a relação entre consumo e cidadania, afirma que, atualmente, as identidades se definem pelo modo de consumir, materialmente ou simbolicamente, de acordo com o que se tem ou o que se pode chegar a ter. Metade dos alunos acredita que, no impulso de consumir, a mídia pode influenciar na conduta delituosa de

alguns adolescentes que desejam obter bens materiais, muitas vezes inacessíveis ao seu poder aquisitivo. O comportamento imitativo de atitudes violentas na mídia (mais suscetível a crianças menores expostas à violência na vida real) também foi lembrado como uma forma de influência da televisão. A exposição constante às formas de violência na vida real e na ficção impacta na vida de crianças e adolescentes de forma nociva, tornando-as, muitas vezes, intolerantes e confusas frente aos conflitos violentos. Profissionais da área de psicologia alertam que as crianças necessitam da presença de um adulto que as ajude a discernir os fatos violentos que presenciam na vida real ou vêem nos meios de comunicação (Levisky, 1998). No entanto, uma outra parte dos adolescentes entrevistados não acredita que a mídia tenha esse poder de influenciá-los, apesar de reconhecerem que existem distorções na forma como a mídia representa o fenômeno da violência. Programas sobre casos policiais, como *Linha Direta* e o programa de auditório *Ratinho*, causam reações paradoxais entre os adolescentes entrevistados. Com discursos que defendem a justiça e a verdade, esses programas ora funcionam com um caráter messiânico “*porque ajuda as pessoas*” (aluna 7ª /pública) e mostram “*aqueles casos que é realidade (...) a agressividade, a matança*” (aluno 8ª /pública), ora causam repulsa entre os jovens, pela espetacularização da violência e exploração do sofrimento humano.

O discurso da mídia sobre o fenômeno da violência produz um sentimento difuso na maioria dos adolescentes. Ao mesmo tempo que criticam os programas jornalísticos e de ficção, pela forma banalizada com que tratam da questão da violência, os adolescentes procuram usar essas informações para criar mecanismos de defesa contra a violência. No âmbito da vida, esses sentimentos de medo, difundidos pela mídia, provocam efeitos desestabilizadores no modo como os adolescentes organizam sua rotina. Alguns adolescentes dizem sentir pânico ao ver a repetição de imagens de criminosos na tv, evitam determinados lugares ligados a ocorrências de violência, mas não refletem sobre as formas mais graves da violência familiar e institucional, indicando pouco conhecimento sobre seus direitos. Constata-se, por vezes, que, nesse contexto, inexistente o diálogo tão fundamental no espaço escolar e familiar. A comunicação como ação humana essencial para a interação é quase que totalmente substituída pelo discurso midiático, que constrói as imagens de uma violência sem contexto e sem respostas.

A maioria dos jovens entrevistados reconhece que a omissão dos pais ou responsáveis e a ausência de uma comunicação afetiva pode afetar os filhos. Entendem que o convívio familiar é importante para o controle sobre a programação a que as crianças assistem e para o desencadeamento da conversa entre pais e adolescentes. Rappaport et al. (2002) afirmam que, em ambientes nos quais as relações familiares privilegiam a resolução dos conflitos por meio do diálogo e onde há uma troca afetiva entre pais e filhos, a criança sofrerá menos as influências negativas dos conteúdos da televisão. Segundo Orozco (1993), dentre os elementos intervenientes na relação televisão *versus* audiência, a família é o mais importante. Como confirma a opinião de uma jovem:

...a televisão pode até influenciar (...) mas eu tenho os conselhos do meu pai, então, eu não sou influenciada, pelo menos eu acho que não

sou tão influenciada, porque eu vejo uma coisa lá e em casa eu vejo outra (aluna 8ª /particular).

Cenas de violência na ficção, quando representadas dentro de um contexto explicativo, têm o poder de transmitir para os jovens um modelo que não deve ser copiado. Alguns estudantes consideram que certos comportamentos de personagens da tv, no entanto, geram conflitos em casa. Esta pesquisa constatou que muitos valores que a mídia transmite entram em choque com os valores morais da família. Por exemplo, o horário para voltar para casa à noite, determinado pelos pais, é questionado por muitos adolescentes que vêem na ficção uma permissividade maior para os personagens da mesma idade.

Poucos alunos dizem que não têm o hábito de assistir televisão ou que não se importam com os programas de tv, valorizando mais o convívio com a família e com os amigos. Somente um aluno de uma escola pública afirma que a mídia não exerce nenhuma influência sobre o seu comportamento: *“se a televisão influenciasse alguém, eu seria o maior bandido do mundo!”*. Esse jovem diz ocupar seu tempo com música, conversando com o pai e os amigos, não tendo interesse algum pela programação televisiva.

A violência na vida dos adolescentes - a dimensão do real

A violência vivenciada e testemunhada por muitos adolescentes do município de São Gonçalo suplanta a ficção e os fatos. A maioria dos entrevistados sofreu ou presenciou alguma forma de violência na família, escola e comunidade. É o caso de um jovem que viu seu amigo ser assassinado: *“um colega que eu tinha (...) veio se acabar na minha frente. O pai não tinha condição (...) ele queria carro, moto, essas coisas que mostra na novela”* (aluno 8ª /particular).

Muitas situações de conflito familiar, na escola e no bairro, foram relatadas durante o grupo focal e após a sessão, revelando uma intrincada trama de violência, na qual o real e o simbólico se retroalimentam. Alguns entrevistados revelaram que são tratados de forma diferenciada pelos pais, sobretudo, quando suas qualidades são freqüentemente comparadas com as de algum irmão preferido da família. Desafetos com outros membros da família, principalmente padrastos e madrastas, também são citados como causadores de conflitos *“Eu tenho padrasto, mas eu não me dou bem com ele, eu odeio ele”* (aluna 7ª /pública).

Um estudo epidemiológico, em 2002, com 1.714 escolares do município de São Gonçalo/RJ, investigou a questão da auto-estima e violência entre adolescentes de 11 a 19 anos de idade. Esse estudo constatou que 55,4% dos entrevistados sofreram algum tipo de maus-tratos durante a infância e a adolescência, causados por pais ou pessoas significativas. A pesquisa verificou uma correlação da violência intrafamiliar sofrida por esse grupo com a violência sofrida na escola e na comunidade (Assis & Avanci, 2004).

Alguns adolescentes da presente pesquisa disseram sofrer agressão verbal por parte de professores, como foi citado o caso de um professor de uma escola particular que costuma chamar os alunos de *“burros”* em sala de aula.

A violência na comunidade também acomete, de forma direta e indireta, o cotidiano dos adolescentes, sobretudo, daqueles que vivem próximos às áreas de ação do tráfico de drogas. Para alguns jovens, a morte simboliza a

consequência mais trágica da violência e, por vezes, não reconhecem ou minimizam os eventos violentos não-fatais, denotando a necessidade de ampliar a consciência sobre as consequências deixadas por esses eventos.

Em que pese a relação lúdica que os jovens podem estabelecer com alguns produtos culturais mais criativos e informativos da televisão, em relação às situações de risco, a maioria dos adolescentes é bastante crítica, como ressalta a fala de um aluno:

A televisão não está informando assim para alertar os jovens, os idosos, as crianças. Ela está trocando informações por dinheiro, porque hoje em dia tudo para a tv é audiência, nada mais que audiência (aluno 8^a / pública).

Alunos de uma escola pública situada em área violenta do município, e que se encontram defasados na relação série/idade, dizem que não existe na televisão um programa que sinceramente fale para a juventude. Atribuem isso ao fato de que comercialmente não é vantajoso para a mídia esse tipo de programa. Comparam a falta de interação e identificação de interesse na mídia com o momento de realização do grupo focal, quando puderam se colocar e falar livremente sobre vários assuntos de interesse dos jovens.

Uma minoria mais crítica avalia que, nas mensagens da televisão, *“tanto ruim como boa há informação e ajuda para você conversar (...) tem que ter consciência de uma coisa que é ruim e que é boa. Você tem que saber separar as coisas”* (aluna 8^a / particular).

Poucos acham que não se deve supervalorizar o conteúdo violento desses gêneros, porque a ficção é um produto da criatividade do autor. Mas consideram importante a televisão mostrar mais a *“a vida real”*, porque *“o dia-a-dia das pessoas não é um filme (...) se o cara cortou a cabeça do outro moço, a cabeça vai ficar lá no chão, sangrando”* (aluno 8^a / pública).

Conclusões

As opiniões dos adolescentes sobre si mesmos não são amorfas ou sem crítica. Eles conseguem desconstruir a imagem hegemônica dos jovens representada pela televisão e demonstrar que sua identidade não é exclusivamente determinada por essa imagem. Assim, não interiorizam completamente a imagem negativa que, na sua opinião, algumas mídias e a própria sociedade criam da juventude, em especial, da juventude pobre e negra..

Alguns adolescentes buscam ressaltar as situações de risco a que são expostos, ou por viverem em áreas dominadas pelo tráfico de drogas, ou por relacionarem-se com pessoas envolvidas com a criminalidade. Entretanto, a grande maioria declara resistir ao aliciamento ou à sedução do tráfico. Contrariando essa atitude de resistência dos jovens, a televisão rotula todo e qualquer morador de áreas ocupadas pelo tráfico de drogas de “marginal” ou potencial “marginal”. Essa representação negativa do jovem pela mídia reforça, no mínimo, duas formas de vitimização: a) a truculência de alguns policiais ao abordarem os jovens de forma geral, e de forma especial os jovens moradores de periferias e favelas, julgando-os pela simples aparência para justificar a violência contra esse grupo; b) o tratamento preconceituoso

e descortês dispensado por muitos serviços (públicos e privados) e pela sociedade, de maneira geral, aos grupos das camadas populares.

Esta é uma das mais graves formas de violência simbólica, conforme aponta Bourdieu (1997). Além dessa violência mais invisível, a espetacularização das outras formas de violência também é reprovada pelas meninas e meninos. Nenhum dos adolescentes aprova o sensacionalismo da tv, mas reconhecem, nas abordagens mais contextualizadas, uma maneira de aprenderem e refletirem sobre o fenômeno da violência. É o caso do marketing social inserido em algumas telenovelas, que têm tratado, por exemplo, a temática da violência intrafamiliar em um contexto da saúde e da prevenção. Apesar das contradições da produção midiática em relação à sua função pública de informar, a televisão constitui uma fonte de informação importante para os adolescentes, que acabam por apreender um sentido de risco à violência dado prioritariamente por esse meio, ou somente por ele. Na ausência de políticas de prevenção, entende-se, portanto, o lugar privilegiado que a televisão ocupa no cotidiano dos adolescentes.

Por que os adolescentes, mesmo criticando algumas formas de representação da violência, buscam na televisão uma maneira de se protegerem das situações de risco, como a violência? Uma primeira explicação possível está no fato de a mídia ocupar esse espaço de mediação e considerar que deve e pode falar de todos os temas, porque tudo é “informação” e que toda informação é de interesse público. Uma outra explicação se refere à omissão das instituições sociais responsáveis pela tarefa de cuidar e proteger crianças e adolescentes e à indiferença dessas instituições em relação ao discurso hegemônico da mídia sobre a violência e seu papel socializador.

Para Canclini (1999), abordando a relação das camadas populares com os meios de comunicação, “o público recorre à rádio e à televisão para conseguir o que as instituições cidadãos não proporcionam: serviços, justiça, reparações ou simples atenção” (1999, p.50).

Um dos desafios para a área de saúde pública ampliar a atuação no campo da prevenção da violência está na compreensão dessas questões. Há, por exemplo, uma necessidade cada vez mais urgente de se conhecer a dimensão e o impacto psicológico da violência midiaticizada sobre crianças e adolescentes brasileiros, uma vez que vêm gerando sensações de medo, angústia e sentimento de insegurança. De forma positiva, a mídia deve ser vista como uma parceira fundamental na educação e promoção da saúde desse grupo, conforme apontam Njaine & Vivarta (2005). Importantes projetos em educação para a mídia estão em curso no país e comprovam o potencial proativo das diversas mídias.

A desnaturalização de algumas noções de violência dadas pela mídia e a construção de espaços coletivos e democráticos para os jovens se expressarem e se colocarem no mundo são alguns caminhos para qualificar essas interações e fortalecer a cidadania.

Agradecimentos

Agradecimentos especiais a Joviana Quintes Avanci, que contribuiu para a realização dos grupos focais.

Referências

- ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q. **Labirinto de espelhos**: formação da auto-estima na infância e na adolescência. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- COLONNESE, F. As interferências da mídia no processo de identificação do adolescente. In: LEVINSKY, D. L. (Org.). **Adolescência**: pelos caminhos da violência - a psicanálise na prática social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p.161-72.
- FERRÉS, J. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GARCÍA, V.R. Apresentação. In: CONTRERA, M.S. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002. p. 11-8.
- KRUEGER, R. **Focus groups**: a practical guide for applied research. London: Sage Publications, 1994.
- KRUG, E. D.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI, A. B.; LOZANO, R. (Orgs.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.
- LEVINSKY, D. L. A mídia: interferências no aparelho psíquico. In: LEVINSKY, D.L. (Org.). **Adolescência**: pelos caminhos da violência – a psicanálise na prática social. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p.145-59.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R.; NJAINE, K.; DESLANDES, S. F.; PASSOS DA SILVA, C. P.; FRAGA, P. C. P.; GOMES, R.; ABRAMOVAY, M.; WASELFSZ, J. J.; MONTEIRO, M. C. N. **Fala, galera**: juventude, violência e cidadania no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v.9, n.1, p.201-11, 2004.
- NJAINE, K.; VIVARTA, V. Violência na mídia: excessos e avanços. In: _____. **Direitos negados**: a violência contra a criança e o adolescente no Brasil. Brasília: Unicef, 2005. p.71-95.
- OROZCO, G. Hacia una dialéctica de la recepción televisiva: la estructuración de estrategias por los televidentes. **Comun. Polit.**, v.13, n.22/25, p.57-73, 1993.
- RAPPAPORT, C. R. Socialização. In: RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. (Coords.). **Psicologia do desenvolvimento**: a idade escolar e a adolescência. São Paulo: EPU, 2002. v.4. p.88-106.

NJAINE, K.

SOUZA, E. R.; MELLO JORGE, M. H. Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortalidade. In: LIMA, C. A. (Org.). **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde/Secretaria de Atenção à Saúde/Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, 2004. p.23-8. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B.; MELLO, R. P. Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na Mídia. **Psicol. Reflex. Crít.**, v.15, n.1, p.151-64, 2002.

STRASBUSGER, V. C. **Os adolescentes e a mídia**: impacto psicológico. Porto Alegre: Artmed, 1999.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação. Petrópolis: Vozes, 1995.

VON FELITZEN, C. Introdução. In: CARLSON, U.; VON FELITZEN, C. (Orgs.). **A criança e a violência na mídia**. São Paulo: Cortez/Unesco, 1999. p.49-60.

WARTELLA, E.; OLIVARES, A.; JENNINGS, N. A criança e a violência na televisão nos Estados Unidos. In: CARLSON, U.; VON FELITZEN, C. (Orgs.). **A criança e a violência na mídia**. São Paulo: Cortez/Unesco, 1999. p.61-70.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

NJAINE, K. Sentidos de la violencia o la violencia sin sentido - la visión de los adolescentes sobre la media. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.10, n.20, p.381-92, jul/dez 2006.

Se trata de un estudio cualitativo que investiga los sentidos atribuidos por los adolescentes a la violencia en la media, especialmente en la televisión y las maneras como ese grupo interactúa con este medio. Se busca profundizar la comprensión sobre cómo el fenómeno de violencia mediado por la televisión es interpretado e incorporado o no por los adolescentes, y cómo esta mediación reconstruye nuevos sentidos en su cotidiano. Fue utilizada la técnica de grupos focales con alumnos del séptimo y octavo años de la educación primaria del municipio de São Gonçalo/RJ, en dos escuelas públicas y dos escuelas particulares. Se concluye que uno de los desafíos para el área de salud pública está en la ampliación de su actuación en la prevención de la violencia tomando en cuenta la importancia de la media en el discurso de la violencia. Se apunta como aspecto positivo de la media la colaboración con la educación y promoción de la salud de niños y adolescentes.

PALABRAS CLAVE: violencia. medios de comunicación de masas. adolescente. promoción de la salud. percepción.

Recebido em 28/06/05. Aprovado em 18/08/06.